

Expressão Arquitetónica

“Para ele [o arquiteto], porém, projetar, planejar, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai construir circunstância.”

O edifício escolar desempenha, historicamente, um papel de singular importância na conformação urbana de uma cidade. Seja a partir da articulação volumétrica, seja pela afirmação de valores clássicos de composição, seja pela qualidade da implantação, seja ainda pelo protagonismo da imagem perante a cidade, os liceus históricos portugueses desenharam polos urbanos e assinalam o lugar e o espaço de aprendizagem.

A partir da década de 60, de forma a colmatar o défice de escolas no país, assistiu-se a uma estratégia de tipificação do edifício escolar. A normalização conduziu, progressivamente, à perda de qualidade da arquitetura, em consequência da falta de responsabilidade para com o contexto urbano e do esbatimento do valor expressivo.

Com o recente *Programa de Modernização das Escolas com Ensino Secundário* (PMEES), promovido pela Parque Escolar, incorporando os desígnios de recentramento do edifício escolar no contexto urbano, de inovação, e de incremento da atratividade dos espaços escolares, constitui-se o desafio que convoca a arquitetura a produzir soluções de reconfiguração da escola pública na declaração de uma imagem contemporânea. Neste sentido, obriga-se a repensar concomitantemente a organização dos edifícios no interior do recinto, a reiterar o posicionamento urbano e, sobretudo, a reafirmar a responsabilidade da imagem das escolas perante o coletivo social e construído que as envolve, resgatando os valores que se vinham diluindo.

Tema central na discussão que o Programa veio trazer, em virtude do seu caráter aglutinador de um vasto leque de matérias (desde aquelas que ao universo da arquitetura dizem respeito, até à responsabilidade social), a *Expressão Arquitetónica* é aqui convocada para que se possa refletir de que forma as arquiteturas resultaram na diversidade das soluções, enquanto síntese de articulação dos temas anteriores.

Interessa entender que resposta foi dada, por cada um dos arquitetos, aos diferentes desígnios do Programa, aos quais acrescem várias condicionantes: a morfologia do lote; a inserção no contexto urbano; a implantação do edifício; e as características tipológicas e morfológicas de cada um dos edifícios escolares existentes.

O desafio foi lançado com os claros propósitos de não só redefinir a escola no tecido urbano e social, enquanto organismo vivo das cidades (proporcionando ambientes agradáveis e apelativos), como também modernizar os recintos, considerando os padrões de exigência atuais. Tendo em conta este cenário, os diversos objetivos a que cada equipa projetual se propôs, que, de uma forma geral, variam desde o papel do recinto no tecido urbano, da redefinição do espaço escolar de acordo com o modelo criado pela Parque Escolar, da valorização patrimonial da escola e do edifício, ou da carga infraestrutural exigida, tiveram de ser avaliados, conciliados e hierarquizados na construção de uma estratégia coerente de reafirmação da imagem.

Denota-se, em algumas propostas, uma certa homogeneidade tanto na expressão arquitetónica, como no código linguístico. Esta característica resulta, antes demais, da estandardização tipológica dos edifícios escolares originais, bem como da aceitação de volumetrias e ritmos compositivos preestabelecidos - também resultado dos materiais e sistemas utilizados nas diferentes reabilitações, por vezes idênticas em consequência das exigências regulamentares ou económicas, ou, sobretudo, quando se trata de um grupo de projetos desenvolvidos pelas mesmas equipas de arquitetos. Ainda assim, as singularidades revelam-se muito mais significativas que as analogias que se possam denotar, pelo que se verifica um enorme enriquecimento do parque escolar nacional.

As características imagéticas, mais ou menos homogêneas, dos edifícios preexistentes, quando submetidas à intervenção de vários autores, conduzem a uma disparidade de resultados arquitetónicos. A multiplicidade de soluções é, genericamente, resultado de um contraste entre dois períodos; de valoração e preservação da identidade do edifício existente; dos seus princípios geométricos e compositivos; da qualidade funcional e do valor plástico e patrimonial; e, portanto, de um empenho na distinção dos dois tempos de construção; ou ainda de uma posição de comprometimento do antigo com o novo, compatibilizando dois momentos de obra na definição de uma imagem contemporânea, sem que seja possível distingui-los, e, para isso, sem demais alterações formais, materiais ou cromáticas.

O sentido autoral, a partir do qual se delinea a reabilitação das escolas secundárias, acentua geralmente a idiosincrasia na verificação de metodologias de intervenção, de estratégias de composição e de códigos linguísticos, dos quais resultam estéticas identitárias na confirmação de imagens singulares e distintivas. Diversos na sua essência, os exemplos convocam a identidade dos autores, acentuando uma expressiva multiplicidade de soluções. São vastos os distintos exemplos, desde os edifícios que, condicionados pela sua expressiva caracterização de valor patrimonial, mantiveram praticamente inalterada a imagem original, aos que se abstiveram de assumir uma estratégia integradora e capaz de redefinir a imagem da escola como um todo, até aos que deram preferência à reconfiguração global do funcionamento e da imagem do edifício.

Estes diferenciados resultados protagonizam múltiplas consequências na conformação dos renovados edifícios escolares. É, no entanto, seguro afirmar que, no contexto desta operação de reabilitação, as escolas confirmaram uma renovada e dupla condição, quer para o exterior, na redefinição da paisagem urbana, quer para o interior, pela atratividade dos seus espaços - conjuntura na qual a imagem, ou expressão arquitetónica, assume um desempenho e responsabilidade relevante.

*TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. (p. 74).

© André Santos e Leonardo Barros



#22-042 Escola Secundária de TOMAZ PELAYO

© André Santos



#09-013 Escola Secundária GARCIA de ORTA

© André Santos



#12-017 Escola Secundária de JOSÉ RÉGIO

© André Santos



#59-127 Escola Secundária do PADRÃO da LÉGUA

© Pedro Faustino



#53-119 Escola Secundária EMÍDIO GARCIA

© Francisca Mendonça



#12-017 Escola Secundária de JOSÉ RÉGIO

© André Santos



#17-037 Escola Secundária de ALBERTO SAMPAIO

© André Santos



#39-060 Escola Secundária JOSÉ MACEDO FRAGATEIRO

© Alexandra Kovács



#71-148 Escola Secundária de ESTARREJA

© Alexandra Kovács



#67-139 Escola Secundária do PONTE de LIMA

© Catarina Monteiro



#73-150 Escola Secundária SEVER de VOUGA

© Joana Sousa



#32-052 Escola Secundária de INÊS de CASTRO

© Alina Soares



#66-138 Escola Secundária de ALMEIDA GARRETT

© Inês Fernandes



#46-111 Escola Secundária de CASTELO de PAIVA

© Pedro Soares

#09-013 Escola Secundária GARCIA de ORTA

#12-017 Escola Secundária de JOSÉ RÉGIO

#13-018 Escola Secundária de PENAFIEL

#17-037 Escola Secundária de ALBERTO SAMPAIO

#20-040 Escola Secundária de CALDAS das TAIPAS

#22-042 Escola Secundária de TOMAZ PELAYO

#32-052 Escola Secundária de INÊS de CASTRO

#39-060 Escola Secundária JOSÉ MACEDO FRAGATEIRO

#44-073 Escola Secundária AFONSO ALBUQUERQUE

#45-110 Escola Secundária de AROUCA

#46-111 Escola Secundária de CASTELO de PAIVA

#47-112 Escola Secundária SOARES BASTO

#53-119 Escola Secundária EMÍDIO GARCIA

#59-127 Escola Secundária do PADRÃO da LÉGUA

#66-138 Escola Secundária de ALMEIDA GARRETT

#67-139 Escola Secundária de PONTE de LIMA

#71-148 Escola Secundária de ESTARREJA

#73-150 Escola Secundária SEVER de VOUGA



#44-073 Escola Secundária AFONSO ALBUQUERQUE

© Francisca Mendonça



#47-112 Escola Secundária SOARES BASTO

© Elara Santos